A CONSTRUÇÃO DO VÍNCULO TERAPÊUTICO NO ATENDIMENTO INFANTIL SOB A PERSPECTIVA DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA.

Karina Borgheti

Eloisa Bido

RESUMO

O atendimento psicológico infantil apresenta particularidades que o diferenciam do atendimento com adultos, especialmente no que se refere às formas de expressão dos sentimentos, das experiências e das dificuldades vivenciadas. Enquanto os adultos geralmente conseguem recorrer à comunicação verbal para relatar suas experiências, as crianças podem encontrar no brincar uma possibilidade de expressar aspectos de seu mundo interno.

O brincar é compreendido como uma forma de comunicação e expressão e conforme apresentado por Gobbi et al. (2005, p. 185), "enquanto o adulto expressa verbalmente suas dificuldades, a criança brinca, e neste palco lúdico ela se liberta de sentimentos e problemas muitas vezes desconhecidos para ela através do ato de brincar". Nessa perspectiva, o brincar pode favorecer a comunicação e a aproximação entre a criança e o terapeuta, contribuindo para a construção de um espaço no qual suas experiências possam ser acolhidas (Campos; Cury, 2009).

Abordagem Centrada na Pessoa valoriza a compreensão empática, a congruência e a consideração positiva incondicional, atitudes que favorecem uma relação pautada pelo respeito à experiência e à singularidade da pessoa atendida (Gobbi et al., 2005). Esses princípios

também se aplicam ao atendimento infantil, no qual a confiança e a segurança precisam ser construídas considerando as necessidades de cada criança (Castro, 2022).

Para a ludoterapia centrada na criança, esses fundamentos se articulam a uma postura que respeita a capacidade da criança de participar ativamente do processo terapêutico. Virginia Mae Axline (1972), destaca a importância de oferecer à criança liberdade para conduzir suas brincadeiras, respeitando seu ritmo e suas possibilidades de expressão. Essa perspectiva compreende que o terapeuta não precisa conduzir cada ação ou determinar previamente o significado das brincadeiras, mas deve estar disponível para acompanhar a criança, reconhecer suas manifestações e respeitar seu processo.

A construção do vínculo terapêutico não ocorre necessariamente de maneira imediata, mas pode desenvolver-se gradualmente a partir das experiências vivenciadas nos encontros. Para que a criança se sinta confortável no ambiente clínico, é importante que encontre uma relação acolhedora, na qual suas necessidades sejam consideradas e suas manifestações recebam atenção e respeito.

De encontro a isso, Axline (1972) ressalta a importância de respeitar a capacidade da criança para encontrar caminhos próprios, sem apressar o processo terapêutico. Essa postura está relacionada às atitudes facilitadoras do terapeuta, que busca compreender a experiência infantil sem impor interpretações ou expectativas que desconsiderem sua singularidade (Gobbi et al., 2005), (Campos; Cury, 2009).

A aplicação da Ludoterapia Centrada na Criança vivenciada no estágio clínico supervisionado. A aproximação da criança com o espaço terapêutico e com a terapeuta em formação aconteceu gradualmente,

exigindo disponibilidade, paciência e atenção às suas necessidades. Ao longo dos encontros, foi possível perceber uma familiarização progressiva com o ambiente, o que reforçou a compreensão de que o vínculo não deve ser imposto ou apressado, mas construído respeitando o tempo de cada criança.

Nesse processo, o brincar constituiu uma possibilidade de interação e aproximação, permitindo que o contato fosse construído de maneira compatível com as formas de expressão da criança. A experiência prática também evidenciou a importância de observar não apenas as brincadeiras realizadas, mas a maneira como a criança se relaciona com o ambiente, com os materiais disponíveis e com a pessoa que a acompanha. Essa atenção não significa atribuir um significado fixo a cada comportamento ou brincadeira, mas manter uma postura aberta à compreensão da experiência infantil, respeitando sua individualidade e evitando interpretações precipitadas. Essa postura é coerente com a proposta de ludoterapia centrada na criança, na qual o profissional acompanha o brincar sem direcioná-lo a objetivos previamente estabelecidos (Axline, 1972; Campos; Cury, 2009).

Outro aspecto relevante dessa experiência foi compreender que a construção da confiança pode se manifestar por meio de pequenas mudanças na forma como a criança participa dos atendimentos e se relaciona com o ambiente terapêutico. A maior familiaridade com o espaço, a iniciativa para escolher atividades e a disponibilidade para interagir podem constituir aspectos importantes a serem observados no acompanhamento, sempre considerando o contexto e as particularidades de cada criança. Assim, a experiência infantil em um ambiente psicoterapêutico não se limita à comunicação verbal, podendo ser

observada também nas iniciativas, nas escolhas e nas formas de interação estabelecidas durante as sessões (Campos; Cury, 2009).

Por fim, a experiência clínica de atendimento com crianças no estágio possibilitou reconhecer a importância da articulação entre os conhecimentos teóricos e a prática clínica supervisionada. Para a ACP, essa disponibilidade para compreender a experiência do outro e respeitar sua singularidade está relacionada às atitudes facilitadoras propostas por Rogers, que fundamentam uma relação terapêutica pautada pela empatia, pela autenticidade e pela consideração positiva incondicional (Gobbi et al., 2005; Castro, 2022). Na ludoterapia centrada na criança, tais atitudes se expressam também no respeito à autonomia infantil e na compreensão de que o terapeuta deve acompanhar o processo sem apressar mudanças ou assumir o controle das brincadeiras (Axline, 1972).

A vivência no estágio permitiu compreender que o atendimento infantil exige sensibilidade para reconhecer diferentes formas de expressão, respeito ao tempo de cada criança e disponibilidade para construir uma relação de confiança. À medida que a teoria se conecta com a atuação do psicoterapeuta nos atendimentos, o vínculo fortalece-se, criando um espaço seguro em que a criança se sente vista, ouvida e livre para expressar seus sentimentos por meio do brincar. Por fim, o jeito de ser do psicoterapeuta também pode passar por uma tendência atualizante, demonstrando que a experiência com a infância refina a escuta do profissional no geral, capacitando-o a reconhecer, aceitar e respeitar o tempo singular de cada indivíduo ao longo da sua prática clínica.

REFERÊNCIAS

AXLINE, Virginia M. ***Ludoterapia: a dinâmica interna da criança***. Belo Horizonte: Interlivros de Minas Gerais, 1972.

CAMPOS, Ana Paula de Sá; CURY, Vera Engler. **Atenção psicológica clínica: encontros terapêuticos com crianças em uma creche**. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, Ribeirão Preto, v. 19, n. 42, p. 115-121, 2009. DOI: https://doi.org/10.1590/S0103-863X2009000100014.

CASTRO, Rodrigo Caprio Leite de. **Os fundamentos da Abordagem Centrada na Pessoa na obra de Carl Ransom Rogers e a relevância deles para a prática clínica da Medicina de Família e Comunidade**. *Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade*, v. 17, n. 44, 2022. DOI: https://doi.org/10.5712/rbmfc17(44)3170.

GOBBI, Sérgio Leonardo; MISSEL, Sônia Tozzi; JUSTO, Henrique; HOLANDA, Adriano. ***Vocabulário e noções básicas da abordagem centrada na pessoa***. 2. ed. São Paulo: Vetor, 2005.

Email:kaarina.a.borgheti@gmail.com

E-mail:eloisabido@unoesc.com.br